



REVISTA

MARIM
BONDO



FOI AGORA QUE EU CHEGUEI
COM LICENÇA É
COM LICENÇA

EDITORIAL

Quando tivemos a ideia de fazer uma edição de *Marimbondo* trazendo o **congado (!)**, logo compreendemos que mais importante do que tomá-lo como tema da revista seria abrir espaço para seus relatos. Somado a esse desejo, começamos a produzir esta publicação com o desafio de um prazo exíguo e cientes de que o *tempo do Rosário* caminha em compassos incompatíveis com a burocracia das leis de incentivo. Para conceber esta revista em menos de seis meses, precisávamos contar com aqueles e aquelas com quem temos uma relação mútua de intimidade e de confiança.

A relação da Canal C com a Guarda de Moçambique Nossa Senhora do Rosário e Sagrado Coração de Jesus — Irmandade Os Carolinos teve início em 2012, quando participamos das filmagens de *Os Carolinos*, vídeo que acompanha uma viagem da guarda à festa de São Benedito em Aparecida do Norte (SP). De lá pra cá, participamos de outros projetos ligados ao universo do congado, como o Festejo do Tambor Mineiro e o livro *Percursos do Sagrado: Irmandades do Rosário de Belo Horizonte e Entorno*, e os laços estreitaram-se. São três anos de histórias compartilhadas e de várias entrevistas com integrantes da Irmandade, a terceira mais antiga de Belo Horizonte ainda em atividade. A escolha de fazer uma edição especial de *Marimbondo* com relatos d'Os Carolinos foi, portanto, providencial e afetiva.

Capitães, capitães, rainhas, reis e dançantes generosamente nos permitiram que adentrássemos esse universo e nos ajudaram a nos aproximar de um cotidiano marcado por experiências complexas de ancestralidade e de fé. Os Carolinos nos receberam e nos guiaram por suas práticas

banto-católicas, levando-nos para o centro da festa-grande, momento ápice da vivência do sagrado e do ciclo anual dos rituais. Nas próximas 80 páginas, compartilharemos relatos, descobertas e fragmentos de uma história oral, sem a pretensão de uma mirada historiográfica ou de uma perspectiva conclusiva acerca da trajetória da Irmandade.

Nessa narrativa, fomos acompanhadas pelo antropólogo e fotógrafo Patrick Arley, que registrou todos os rituais dos festejos de outubro de 2015 e realizou um ensaio com a capitã e atual presidenta Neide de Assis Silva. Integrantes d'Os Carolinos aprovaram o conteúdo final desta **Marimbondo (!)**.

Para evitar que tropeçássemos em nossa própria ignorância sobre o tema, buscamos explicações das expressões, dos símbolos e das funções dos rituais e do vocabulário congadeiro em livros, pesquisas e entrevistas com integrantes de guardas. No trajeto de escrita desta *Marimbondo*, a leitura de *Afrografias da Memória*, de Leda Martins (1997), e *Os Sons do Rosário: o Congado Mineiro dos Arturos e Jatobá*, de Glaura Lucas (2014), tiveram especial importância. Ao longo da publicação, utilizamos o termo *congado* por ser aquele com o qual a própria guarda se identifica. O termo reinado é também referencial para a autodenominação de muitos dos grupos que perpetuam essa tradição e igualmente se refere a um complexo sistema de organização entre as heterogêneas manifestações que o compõem, atualizando uma cosmologia própria dos congados ou reinados.

Depois de passar pelos temas Rua, Música e Teatro, e sem nunca perder de vista Belo Horizonte como objeto de seu exercício jornalístico, *Marimbondo* chega à sua quarta edição pedindo licença e a bênção de *Undamba Berê Berê*, a Senhora do Rosário.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

A todos os integrantes da Irmandade Os Carolinos, Elias Gibran, Junia Torres, Mariana Misk e Viviane Maroca



!

O congado se constitui a partir da narrativa mítica que relata a aparição e resgate da imagem de Nossa Senhora do Rosário pelos negros escravizados das águas e é em torno da devoção à santa, aos demais santos do panteão congadeiro e aos antepassados que se organizam seus ritos. De acordo com Glaura Lucas, em *Os Sons do Rosário*: "(...) em Minas Gerais, hoje, Congo refere-se a um dos grupos, ou guardas, de devoção a Nossa Senhora do Rosário e outros santos. Candombe, Moçambique, Vilão, Marujos, Catopês e Caboclos são outras guardas que festejam o rosário de Maria nesse Estado. Em Belo Horizonte, Congado tornou-se a festa religiosa de que participam as guardas acima (...)".

Contamos também com o olhar atento da pesquisadora em antropologia e integrante do Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário, Junia Torres, convidada como consultora para a revisão do texto no que tange aos termos e menções relativos ao universo do congado/reinado.

EXPEDIENTE

CONCEPÇÃO E PROJETO EDITORIAL
Carol Macedo e Júlia Moysés (Canal C)

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Mariana Misk e Aline Ribeiro (Oeste)

EDIÇÃO
Carol Macedo, Jessica Soares e Júlia Moysés

REDAÇÃO
Júlia Moysés

CONSULTORIA
Júnia Torres

FOTOS
Patrick Arley e Júlia Moysés

PRODUÇÃO GRÁFICA
Joana Alves (Oeste)

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Elias Gibran (Napele)

REVISÃO
Viviane Maroca

TRANSPORTE
Luigi Anderson de Oliveira

GESTÃO FINANCEIRA
Afinal, *Cultura*

IMPRESSÃO
Rona Editora

ISSN 2447-6390

revistamarimbondo.com.br
facebook.com/revistamarimbondo

Esta revista foi produzida com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Fundação Municipal de Cultura. Projeto 369/2012

ENSAIO: *capela da Irmandade Os Carolinos*

> A sede da Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Sagrado Coração de Jesus – Irmandade Os Carolinos localiza-se à Rua Mariana Barcelos, 06, Bairro Aparecida, região Noroeste de Belo Horizonte.





Se você quer me esquecer,
não sei mais que esperança por
você tenho eu mesma.

Já não meço mais um milheto de amor, não
sigo mais por aí... Se você quer me
esquecer, para um pouco e um reflexo,
para eu não, se você quer me esquecer,
você tem direito de não.

São os seus cabelos brancos, caindo no chão e não
prezando mais por mim...
Eu sei de si... Deixa de ser esquecido.

El Jardín, agosto de 1972

1972 FOTOS



Marcelino Luiz
Moreira







*Foi na beira do mar
Foi que nego chorou.*

*Foi na beira do mar
Foi que nego chorou.*

*Quando viu Nossa Senhora saindo
das águas coberta de flor.*

*Quando viu Nossa Senhora saindo
das águas coberta de flor.*

JÚLIA MOYSÉS

NO TEMPO *do Rosário*

Os Carolinos narram sua história no limite borrado e entrecruzado do fato e da recriação. Capitães, capitães, rainhas, reis e dançantes buscam na memória momentos não vividos senão pelas narrativas e gestos de seus antepassados. Preenchem lacunas com eventos sonhados — mas jamais inverídicos — e deixam, sem sofrimento, espaços vazios. Desafiam a exigência das datas e da linearidade cronológica. Para eles e elas, história é algo impossível de se concretizar em linhas do tempo sem antes se dar pela sucessão de nomes. Assim, os Carolinos não se fundam no dia tal, do ano tal, e sim em Chico Calu. Se fundam em Francisco, seguem em Luiz e essa é a origem e a explicação de toda a existência, desvelada pelo desenrolar de descendentes.

Esta é uma narrativa atravessada pelo cotidiano da cidade — pelo trabalho, pela mobilidade, pelo saneamento e pela moradia — que quase sempre interpõe-se, aqui, como obstáculo para a prática da fé. A cidade também é território de construção de uma identidade própria que se mistura com a identidade da Irmandade. Os Carolinos são do Aparecida e vieram do Retiro, fazem questão de enfatizar.

Trata-se também de uma história e de identidades construídas e reconstruídas, sempre em aberto, a partir de múltiplas vozes a tecerem *relembrações* que se complementam, ora em harmonia, ora em contradição. Na narrativa polifônica dos Carolinos, antes do Retiro, o que existia era África, e antes de Chico Calu, Nossa Senhora do Rosário, a ancestral maior.

Foi no tempo do cativo
Quando o senhor me batia
Foi no tempo do cativo
Quando o senhor me batia
Eu gritava por Nossa Senhora, meu Deus
Quando a pancada doía
Eu gritava por Nossa Senhora, meu Deus
Quando a pancada doía

!

Contagem foi transformada em município em 30 de agosto de 1911. Antes disso, pertencia à Comarca do Rio das Velhas, distrito do município de Sabará e, em 1901, foi vinculada à Santa Quitéria, atual Esmeraldas. O Retiro é um bairro da região de Nova Contagem.

De acordo com Elizângela Aparecida Santana, capitã da Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário do Bairro Alto dos Pinheiros, em *Percursos do Sagrado*: “Como na Umbanda tem o pai de santo e ele é totalmente respeitado, na Irmandade do Rosário é o capitão. Tem a responsabilidade de carregar o mandamento e o fundamento. Cabe a ele, inclusive, sentir se o lugar tá bom, se a comida tá boa, tá abençoada, senão ele mata um exército. Ele tem que tá ligado a Nossa Senhora do Rosário o tempo inteiro. Se tiver um tiro, uma bomba, o que for, espiritualmente falando, é dele”.

Para a antropóloga Patrícia Brandão, que pesquisou grupos de congado de Bom Despacho, interior de Minas Gerais, as “demandas” entre os capitães ainda persistem como característica inerente da tradição do congado. Ela acredita que localizar as artes do mistério e da magia como “coisas do passado” é “uma estratégia para manter liberto ‘o feitiço’ dos valores morais do catolicismo, pois quando mencionado como coisa do presente, fica aprisionado em seu sentido negativo”.

CHICO CALU

No começo do século XX, por volta de 1917, Francisco Carolino funda, no Retiro, uma guarda para louvar Nossa Senhora do Rosário. Nas cercanias do recém-criado município de **Contagem (!)**, na divisa com Santa Quitéria — hoje, Esmeraldas — o Retiro de Chico Calu era um pequeno arraial quase todo formado por fazendas até pouco tempo escravagistas. Lá, as origens do congado remetem a um passado muito mais distante e inexato. Sabe-se que existia ali uma lagoa grande que há muito secou, conhecida como Lagoa Seca, ponto de encontro de poderosos **capitães (!)**, hoje Rua 10, ainda de terra e ainda a abrigar descendentes de Francisco. Uma das histórias que se perpetuou foi a de que havia ali um pau fincado no meio do caminho e que, sempre que tentavam arrancá-lo, o canto dos negros escravizados era ouvido e ele não se movia. “Quem poderia contar mais já morreu”, lamenta a ausência dos antigos Geraldo Lima, 73 anos vividos na região.

De Chico Calu, Geraldo era criança demais para se lembrar direito, mas a visita à casa da tia está entre suas lembranças mais nítidas. Por volta das três horas da manhã, o menino e a mãe iniciavam a caminhada pelo mato em direção a Contagem, onde passava o trem. Só chegavam a Belo Horizonte lá pelas quatro da tarde, já sem se aguentarem de fome. Hoje, a viagem de ônibus do Retiro ao Centro da capital, nos horários de pico, chega a durar 3 horas e só pode ser feita até as 23h, o que levou o capitão-mestre, Nelson Pereira da Silva, bisneto de Chico Calu, a passar aperto quando o corpo adoeceu depois do horário permitido. “Se ficar neste mato, vou morrer”, e decidiu retornar do Retiro para BH em 2010, mas esse caso ainda não está no tempo de Francisco.

Provavelmente filho de escravizados, nascido bem depois da Lei do Ventre Livre e um pouco antes ou logo após a Lei Áurea, de Chico Calu ficou o mistério. “Ele pegava uma espada e falava com você assim: o que você quer que saia da ponta dessa espada? O que você escolhesse saía. O que você escolhesse saía. Se você falasse: eu quero que saia sangue dessa espada, saía sangue. Eu quero que saia água, saía água. Ele era mestre.

Como ele, hoje a gente não vê em lugar nenhum. Esse era o meu bisavô, Francisco Carolino, Chico Calu, e daí veio a origem”, explica Capitão Nelson. Francisco recorria à magia, sobretudo, para enfrentar outros capitães que, sabendo de sua fama, o **desafiavam (!)**. Para Capitão Nelson, a força de Chico Calu vinha da descendência direta de africanos, dizem que até mesmo de Chico Rei. “Mas como ter certeza?”, indaga sem resposta o capitão-mor Nilson Pereira da Silva, outro bisneto do fundador.

Se da história de Francisco sabe-se pouco, da *dona dele*, os compadres Noé Macariu Muniz, 72 anos, e David Tolentino Muniz, 75, recordam-se com lágrimas nos olhos. Maria, benzedeira e parteira, era quem olhava as mulheres do Retiro em uma época em que não tinha outra forma de se ganhar filho a não ser por mãos que conduziam os saberes populares. Fumava cachimbo, não falava palavrão e tinha um cruzeiro no quintal de casa. “Nós éramos menino de escola, então a turma, quando dava esse solão assim, ia molhar a cruz lá em Chico Calu”, emociona-se Noé. “Maria Júlia”, Dona Noêmia, de 87 anos, faz força para a voz sair e revelar o nome completo da sogra.

Não se sabe quantos filhos Francisco e Maria tiveram, mas, para essa história que segue, ficam três nomes: Maria Raimunda Roque, a Tavêra, Antenor Carolino Moreira e Luiz Miguel Moreira, o Luiz Carolino.

“O CONGADO É RELIGIÃO? NÃO. POR QUÊ? SE UM CRENTE PUDER DANÇAR O CONGADO, ELE PODE, SE UM CATÓLICO QUISER DANÇAR O CONGADO, ELE PODE. ENTÃO É CULTURA, É TRADIÇÃO. PRA GENTE JÁ É AQUELA TRADIÇÃO MAIS AFINADA, PORQUE JÁ VEM O RESPEITO, JÁ VEM A FÉ, JÁ VEM TUDO.

QUANDO OS DANÇANTES FARDAM, A RESPONSABILIDADE É DO CAPITÃO. O CAPITÃO FARDA, A RESPONSABILIDADE É DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO”.

CAPITÃO-MOR, NILSON PEREIRA DA SILVA



ENSAIO: *levantamento de bandeiras*



Na noite anterior ao dia principal da festa-grande, sempre realizada no penúltimo final de semana de outubro, Os Carolinos levantam as bandeiras de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito, de Santa Efigênia, de Nossa Senhora das Mercês, além de bandeiras para pagamentos de promessas. Cerca de quinze dias antes, é erguida também a bandeira de aviso anunciando os festejos.













Zum, zum, zum

Lá no meio do mar

Zum, zum, zum

Lá no meio do mar

É o canto da sereia

Que me faz entristecer

Parece que ela adivinha

O que vai acontecer

Ajudai-me, Rainha do Mar

Ajudai-me, Rainha do Mar

Que manda na terra

Que manda no mar

Ajudai-me, Rainha do Mar

LUIZ CAROLINO

Quando, por volta dos anos 1930, Luiz Carolino e Nadir Silvina da Silva mudaram-se para Belo Horizonte em busca de trabalho, adquiriram um lote na Vila Maria Aparecida, atual Bairro Aparecida, região Noroeste da cidade. Por mil cruzeiros, pagos em muitas prestações, construíram sua casa à beira de um então despoluído córrego e lá refundaram o **moçambique (!)** de Chico Calu sob o nome Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário. Pedreiro de mão cheia, Luiz construiu, ao lado de casa, a primeira sede d'Os Carolinos no Aparecida, feita de adobe, assim como a igreja que ele e seu irmão Antenor egueriam também no Retiro.

Ao longo dos anos, a capelinha do Aparecida seria algumas vezes destruída pelo barranco que sedia com chuva forte e era insistentemente reconstruída pelos filhos e netos de Luiz. Chegava princípio de outubro, o final de semana d'Os Carolinos era tirar terra para dar lugar ao congado, situação que um anteparo construído em 2004 fez mudar, mas isolou o terreiro de uma das passagens para a rua. Antes disso, em um dia de tempestade, o barranco soterrou a capelinha e a casa da capitã e neta de Luiz, Neide de Assis Silva, o que quase matou os filhos que as doenças não levaram. Desde 2001 reconstruída e em pé, a construção divide espaço com outras nove casas de descendentes de Luiz e é lá onde seu **bastão (!)** de capitão permanece zelando por todas e todos.

Capitão Luiz não era de falar muito, conversava baixinho, mas bastava levantar o bastão para ser entendido. “Exigente e chique demais”, nas palavras do neto mais velho, Capitão Nelson, que, obedecendo às ordens do avô, aprendeu a mexer com congado e a dançar no ritmo imposto por ele dentro e fora da guarda em formação. Ao lado de Luiz, Raimundo Lino (o Raimundo Tuf Tuf), José Miguel Diniz (o Tiziu Binguêro) e Ciriaco Celestino Muniz, conhecido como Capitão Ciriaco ou Velho Ciriaco, são algumas das figuras que residem de forma nostálgica nas histórias contadas de uma época que os Carolinos localizam como um tempo do “congado verdadeiro”, mais próximo de suas raízes.

Eram tempos de simplicidade e de longas caminhadas. Em dia de festa-grande, após o pão com carne moída e café que Luiz Carolino servia a todos, saíam do Aparecida, seguiam para o Alípio de Melo e, de lá, para o São José, buscando rainhas e reis pelo caminho, para então retornarem ao terreiro. O trajeto de aproximadamente 17 quilômetros, segundo suas narrativas, era vencido por Luiz, Raimundo e outros com os pés descalços. A capitã Mary dos Santos, também neta de Luiz, se lembra de pequenininha torcer pela chuva para aliviar a peleja. Doze horas depois da partida, chegavam para o almoço: arroz, feijão, pele e chuchu. Quando Tiziu foi trabalhar no açougue, carne cozida entrou para o cardápio.

Já as fardas eram feitas com pano reaproveitado dos fardos de açúcar. Nadir era quem cortava, alvejava, costurava, lavava, enxaguava com anil e passava, fazendo a alquimia que transformava os sacos em roupas branco-azuladas. “Agora eles estão querendo vestir roupa bonita. Senhora do Rosário não é isso, Senhora do Rosário é simplicidade, é disso que ela gosta, porque se ela gostasse de boniteza e de luxo, os fazendeiros ricos tinham conseguido resgatar ela do mar”, valoriza Capitão Nelson o passado de sacrifícios pela fé e deposita neles o esplendor da guarda, que chegou a ter 60 coroados e 400 dançantes: “a gente era como se fosse assim, a guarda tava tocando lá naquela esquina lá, o último do trono tava saindo daqui ainda. Era a coisa mais linda a procissão animada subindo a BR ali, aquele trono comprido...”.

“Quando a gente saía de dentro do buraco, lá embaixo não tinha luz direito, aí vinham com as velas, as mulheres vinham todas atrás cantando, era um negócio dos mais lindos”, relembra Mauricio Lino Moreira, Mauricio Tizumba, nascido no Aparecida, sobrinho-neto de Tuf Tuf, integrante d'Os Carolinos desde criança e capitão de congado. O buraco ao qual Tizumba se refere é o próprio terreiro, localizado em um desnível no final da rua de cima, fato que levou a guarda a ficar conhecida pelo nome não mais utilizado de *Guarda do Buraco*. A alcunha Os Carolinos, em homenagem ao fundador, viria a ser usada décadas depois como uma arma buscada na origem para combater o apelido que consideravam constrangedor.



De acordo com Leda Martins, em *Afrografias da Memória*: “Nas festividades, o terno ou guarda de Moçambique é o que conduz as majestades, as coroas e os coroados, e o que representa o poder ritual maior nos rituais reencenados anualmente, poder esse que emana dos tambores sagrados e que guia o rito comunitário”.

De acordo com Leda Martins, em *Afrografias da Memória*: “Os estandartes das guardas, os mastros, o cruzeiro no adro das capelas e igrejas do Rosário, os candombes, o rosário, dentre outros, são elementos sagrados do código-ritual, investidos da força e energia que asseguram o cumprimento dos ritos. Assim, no Moçambique o bastão é o símbolo maior de comando dos principais capitães e no Congo o tamboril e/ou a espada cumprem a mesma função”.

E se na época de Luiz Carolino a disposição era para longas caminhadas, isso também significava a possibilidade de cumprir muitos ofícios, visitas às festas de outras guardas e irmandades. Em maio, setembro e outubro, acontecia de não ficar um único domingo sem Os Carolinos saírem. Hoje, se entristece Capitão Nelson, “a turma só vai se tiver ônibus especial, e o mais barato custa 20 reais por pessoa”, o que restringe as viagens do ano.

Os tempos também seguiam cercados de mistérios, e, nesse quesito, o nome de Raimundo Tuf Tuf se destaca nas histórias contadas amiúde. O segundo capitão da Guarda, posto alto na hierarquia religiosa, quase não pegava no bastão, visto que sua alegria maior era tocar **patangome (!)**. Por trás do corpo retorcido e da dificuldade na fala, provavelmente advindos de um distúrbio não diagnosticado, Raimundo era capitão poderoso que, apenas com o olhar, derrubava zombeteiros desavisados. “Ele dançava congado era descalço, igual ao meu avô. Então, o que que acontece: ele tava indo pra nossa festa, e tinha uma turma de rapazinho que sempre os jovens gostam muito de abusar. Então chamaram ele de macaco, e ele não falou nada, ele só riu. Passaram uns quinze minutos, chegou a mãe desse rapaz desesperada lá, correndo atrás dele: ‘ô seu Raimundo, por favor, vamo lá. Ajuda a levantar meu filho’, e o filho dela deitado no chão rolava de um canto da rua no outro. Quando batia do lado de lá, voltava rolando pro lado de cá. Aí Raimundo deu uma risadinha e mandou ele levantar”, conta Capitão Nelson. “Um dos camaradas mais devotos e rezador que tinha, feiticeiro e rezador”, avalia Tizumba, uma das poucas pessoas a acompanharem o enterro do tio-avô que, aos 102 anos, morreu em plena Copa do Mundo e foi enterrado no exato momento em que Roberto Carlos fez um gol. “Eu vi o mundo ao nosso redor gritando e soltando foguete”.

Da mesma época de Raimundo e Luiz era também o Velho Ciriaco. No livro *A Voz dos Tambores — Uma história dos Ciriacos*, Tizumba o descreve como um homem sábio, de muita fé e enérgico. Quando Luiz partiu para trabalhar um ano em São Paulo, confiou a guarda ao amigo e, ao retornar, decidiu com ele dividir o trono coroado e até

mesmo peças sagradas. Dessa forma, irmanada aos Carolinos, foi fundada, em 1954, a **Irmandade Nossa Senhora do Rosário Os Ciriacos (!)**.

Luiz Carolino seguiu à frente de seu moçambique até sua morte, em 1967. Para enfeitar seu caixão, os netos e as netas buscaram flores de laranjeira no terreno do vizinho.



De acordo com Mauricio Tizumba, em *Percursos do Sagrado*: “O patangome é mais um instrumento sagrado e de resistência do povo negro congadeiro. Tem o formato de bateia. É tocado como se estivesse batendo e na música do mundo sempre existe um instrumento com a mesma função: a de unir e emoldurar e conduzir o ritmo. Quando eu era menino, o preto velho Luiz Carolino gritava assim: ‘chitangome!’. Aí o patangome era o primeiro a ser tocado, depois vinham os outros instrumentos”.

A sede da Irmandade Os Ciriacos está localizada no bairro Novo Progresso, em Contagem, e é conduzida pelo Capitão Antônio Muniz, hoje reconhecido como um dos grandes mestres dos Reinados na Região Metropolitana de Belo Horizonte que, com orgulho, rememora sua iniciação na Irmandade Os Carolinos, onde, em suas palavras: “me praticaram desde menino” (*Salve Maria*, documentário 2004. Realização CRAV/PBH. Direção Cida Reis/Júnia Torres/Pedro Portella).

“ELE OBRIGAVA A GENTE, ELE FORÇAVA A GENTE. EU APRENDI A TOCAR FOI FORÇADO. NA ÉPOCA, EU ERA MENINO AINDA, EU FICAVA OLHANDO ELES TOCAREM, E ELE UM DIA CHEGOU PRA MIM E FALOU: ‘VAI ALI, PEGA O PATANGOME E TOCA AQUI’. ‘VOVÔ, EU NÃO SEI TOCAR’. ‘PEGA O PATANGOME E TOCA AQUI’. ‘Ô VOVÔ, MAS EU NÃO SEI’. ‘EU TÔ MANDANDO VOCÊ PEGAR O PATANGOME E TOCAR AQUI’. FUI LÁ, PEGUEI O PATANGOME, TENTEI, TENTEI, TENTEI, E ERRANDO DAQUI, DALI, DAQUI, DALI, DAQUI, DALI. ‘Ô VOVÔ, EU NÃO SEI’. ‘NÃO PARA, CONTINUA’. E FOI ASSIM QUE EU APRENDI, FOI ASSIM. ELE INSISTINDO E ‘CONTINUA, NÃO PARA, EU MANDEI VOCÊ TOCAR. PARA QUANDO EU MANDAR’. FOI ASSIM QUE EU APRENDI A TOCAR PATANGOME E A MESMA COISA ELE FEZ COMIGO QUANDO FOI PRA EU APRENDER A TOCAR CAIXA”.

CAPITÃO-MESTRE, NELSON PEREIRA DA SILVA, SOBRE LUIZ CAROLINO.

“O VOVÔ BATIA COM O CACHIMBO NA CABEÇA DA GENTE PRA ENSINAR A DANÇAR CONGADO. BATIA NA CABEÇA DO DIU [WALDISOM DOS SANTOS], QUE DEPOIS VIROU CAPITÃO”.

CAPITÃ E PRESIDENTA, NEIDE DE ASSIS SILVA.



ENSAIO: *festa-GRANDE*

> No dia principal da festa, Os Carolinos recebem as guardas e irmandades visitantes para, juntos, louvarem Nossa Senhora do Rosário, demais santos do panteão congadeiro, as nações africanas e os antepassados. Tais visitas mútuas estabelecem-se segundo a lógica da reciprocidade, dos dons e contra-dons, das dádivas partilhadas e são constituintes do universo dos reinados/congados, estabelecendo o ciclo anual do Rosário. No final do dia, é realizado um grande cortejo pelos bairros Aparecida e Nova Esperança, que marca com cores e sons o suposto cinza da periferia da cidade.















*O minha mãe,
Ó minha mãezinha,
Ó minha mãe,
Ó minha mãezinha,*

*Lá no céu,
Cá na terra,
Ela é Rainha
Lá no céu,
Cá na terra,
Ela é Rainha*

AÍÁ

Luiz e Nadir tiveram nove filhos, nascidos e criados no congado: Maria José dos Santos (a Aíá), Geralda de Assis Moreira (a Bina), Tereza Luzia Teixeira, Julio Luiz Moreira, Luiz Miguel Moreira Filho, Antônio Luiz Moreira, Nilo Luiz Moreira, José Luiz Bento e Marcílio Luiz Moreira (o Leca). Foi a **Rainha Conga (!)** Aíá quem reinou com mãos firmes após o falecimento do pai. “Ela cuidava da sede, cuidava da guarda, brigava com os dançantes, com o capitão, saía brigando com todo mundo porque era igual meu avô mesmo”, conta a filha, a Capitã Mary. Dizem que foi por desavenças com Aíá que Tiziu Binguêro — que posteriormente fundaria a **Guarda de Moçambique Nossa Senhora do Rosário e São José (!)** — deixou Os Carolinos. Seguindo os então *novos tempos*, a Rainha Conga comprou briga também com os costumes e rompeu décadas de proibição de mulheres na capitania da Irmandade Os Carolinos, realizando o sonho da afilhada Neide: ser capitã e poder tocar caixa.

Foi acompanhando a madrinha, no entanto, que Capitã Neide aprendeu que o riso farto que carrega deveria ficar do lado de fora da guarda em formação. Tinha sete anos quando, achando graça da roupa que capitães de outra guarda estavam usando, seguiu Aíá em um momento de riso solto. Ali mesmo, rindo, a Rainha foi *colocada para dormir* até o fim da festa que visitavam. Para a criança, o castigo veio quando já estava em casa e começou a enrolar a língua na hora de falar. “Saí correndo pra gritar minha madrinha, só que, na hora, eu não dei conta, eu caí. Tirando isso, eu só lembro da imagem do meu avô. Meu avô era muito pretinho, mas tinha uns dentes muito bonitos, e meu avô rindo, com aquela imagem de Nossa Senhora Aparecida na mão, sabe? Sei que quando eu fui acordar mesmo, eu tava no centro espírita da madrinha da minha mãe lá no Boa Vista. Ela trabalhava com um guia que era o pai do Chico Calu”, conta a capitã, que hoje vigia dentes à mostra durante os louvores.

Como se vê em Os Carolinos, como em muitas das guardas tradicionais, seu esteio ancora-se na família fundadora e em redes de parentesco. A madrinha da então Rainha da Cruz, Bina, mãe da Capitã Neide, era Tavêra, irmã de Luiz Carolino. Imponente, sempre em trajes impecáveis, com cachimbo na mão, mascando fumo, “tinha o poder no olhar de dominar as pessoas”, rememora Tizumba. Hoje, é Capitã Neide quem segue os passos de Tavêra e Aíá. Em seu quarto, Escrava Anastácia, Preto Velho, Zé Pilintra, o retrato da emblemática rainha **Dona Bela (!)**, alguns budas dourados e a TV ocupam a cômoda envolta pela bandeira do Brasil. “Eu preciso da minha força, eu preciso ter força. Devido o Rosário que eu tenho a minha força pra continuar na minha Umbanda. Os preto velho são da nossa coisa mesmo, os escravos. Anastácia também é. Todos os congadeiros mexem um pouquinho, nem que seja escondido, mexe sim”, diz ela. Tais narrativas denotam a forte relação dos congados com toda a tradição religiosa de matriz afro-descendente ancorada no culto e na presença dos ancestrais, em especial a Umbanda.

Foi Tavêra quem, após a morte do irmão, retomou os festejos de Chico Calu no Retiro com o apoio de Antenor Carolino e de Ernestino Augusto da Silva, Seu Nestino, pai de Constantina Policena Santos, Constança, hoje Rainha da Vara de Ouro. Ela lembra que o dia de sua coroação foi cercado de temores, peso de uma responsabilidade que ainda carrega no semblante. “Meu Deus! A coroa, será que para na minha cabeça? Fiquei só pensando, com aquele medo. Mas colocou a coroa e ficou, graças a Deus”, revela uma das muitas aflições. Desde que os festejos foram retomados, no final de semana após o dia principal da festa-grande em Belo Horizonte, Os Carolinos seguem para Contagem e homenageiam o trono coroado e seus antepassados fundadores em mais dois dias de festa.

Aíá e Tavêra ainda moravam próximas, ambas no Boa Vista, região Leste de Belo Horizonte. Foi após a perda do primeiro marido para o álcool — Zé do Cachimbo, goleiro do Social, um dos times que fazia a fama da tradição futebolística do bairro Aparecida —, que Aíá deixou o terreiro ao casar-se com José Maria, a quem nomeou Rei Congo. Após a partida da Rainha Conga, Bina, o guarda-coroa Idelfonso Pereira da Silva e seus sete filhos tornaram-se os responsáveis pela manutenção do terreiro e da capela, função por vezes compartilhada com os vizinhos. Tizumba enfatiza que mesmo aqueles e aquelas que não eram do congado orbitavam em torno da manifestação, instigados pelo pertencimento comunitário. “A partir do momento em que você tá na comunidade, são negros defendendo negros. Minha mãe descia pra lá pra cozinhar, Tia Santina descia pra lá, meu pai mal sabia escrever o nome dele e, todo ano, ele ia lá fazer escada pro povo subir, porque a escada era de terra e, quando chovia, ela ia embora”, relembra.

Nessa época, as doenças ligadas à água, como a esquistossomose, já começavam a preocupar, e o córrego — que um dia Luiz Carolino descobriu limpo e onde ainda seus netos pegavam piabinhas — convertia-se, aos poucos, em um grande problema que Bina, Aíá e Idelfonso morreriam sem ver resolvido. Capitã Neide e suas irmãs, que hoje vivem com as famílias no terreiro, aguardam o projeto de saneamento básico conquistado no Orçamento Participativo de 2011, mas até hoje negligenciado pela Prefeitura de Belo Horizonte. O córrego é atualmente um esgoto que corre a céu aberto margeando o solo sagrado d’Os Carolinos.

Uma das brigas perdidas pela batalhadora Aíá foi contra as tristezas da vida. A perda de um filho afogado aos 17 anos bambeou a firmeza da Rainha e, à depressão seguiu-se o câncer. Quando a mãe já não conseguia mais reinar, Maria José dos Santos, a Zezé, assumiu a coroa de **Rainha Conga (!)**.



De acordo com Leda Martins, em *Afrografias da Memória*: “Enquanto os outros reis e rainhas representam N. S. do Rosário e outros santos do panteão católico, os reis congos simbolizam, além dessa representação, as nações negras africanas”.

A guarda foi fundada em 1987 e sua sede está localizada no Bairro São José, região Noroeste da cidade.

Maria Elizabete Gonçalves, a Dona Bela, morreu aos 110 anos em 2014. Ela era rainha da Guarda de Moçambique Nossa Senhora do Rosário e São João Batista localizada no aglomerado Pedreira Prado Lopes, na região Noroeste.

Após o falecimento de Zezé, Marlene Guilhermina, a Marlene da Broa, tornou-se a Rainha Conga d’Os Carolinos. Sem laços de parentesco com a Irmandade, Marlene ingressou no congado por intermédio de Luiz Carolino. Na época, um problema de saúde a levava para a iminência de amputar as pernas. De acordo com relatos, após seu fardamento em uma festa-grande, sua saúde melhorou e as pernas foram poupadas. Rainha Marlene seguiu à frente da coroa maior até seu falecimento e, desde então, Os Carolinos estão sem uma Rainha Conga.

“EU FICAVA ACHANDO BONITO ELE SEGUIR AQUELA FESTA, PARTICIPAR DIREITINHO, VESTIR. ENTÃO FIQUEI CURIOSA DAQUILO DELE VESTIR, AÍ FALEI: ‘PAI, EU TAMBÉM QUERIA VESTIR, SEGUIR O SENHOR’. ‘MINHA FILHA, A FESTA É MUITO BOA, MUITO FORTE, MUITO BONITA, MAS PRA SEGUIR ELA TEM QUE TER FÉ, TEM QUE TER BOA INTENÇÃO, AÍ VOCÊ QUE RESOLVE, VOCÊ E NOSSA SENHORA QUE RESOLVE, PORQUE PROCÊ COROAR E NÃO SEGUIR DIREITO NÃO COMPENSA, NÃO’. AÍ CONVERSEI COM TAVÊRA, QUE ELA É QUE COMANDAVA TUDO, ELA E MARIA. AÍ ELAS PEGOU E ME ACONSELHOU TUDO DIREITINHO, AÍ EU NÃO DESANIMEI, AÍ EU FUI EM FRENTE COM ELES, GRAÇAS A DEUS. COMECEI, JÁ COROEI, JÁ VESTI E GOSTO”.

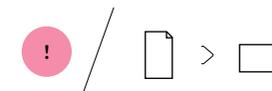
**RAINHA DA VARA DA CRUZ, CONSTANTINA
POLICENA SANTOS, CONSTANÇA**

“A VIDA DELA ERA O CONGADO, ELA NÃO TINHA OUTRA COISA, NÃO, ERA O CONGADO E O ESPIRITISMO QUE ELA GOSTAVA DEMAIS, ELA CHEGOU QUASE A SER MÃE DE SANTO NO TERREIRO DE TAVÊRA. O CONGADO E A MACUMBA PRA ELA ERA A VIDA DELA. MINHA MÃE GASTAVA TUDO O QUE ELA TINHA PRA FAZER FESTA DE CONGADO”.

**CAPITÃO-REGENTE WILSON MOREIRA
SOARES, SOBRE AÍÁ**

“EU SOU CONFIRMADO NO CONGADO ATRAVÉS DA MINHA TIA AÍÁ, QUE ELA QUE ME DÁ MEU PRIMEIRO BASTÃO, ELA QUE ME DÁ MINHA PRIMEIRA FARDA. NO DIA EM QUE ELA ME DEU O BASTÃO, EU CANTEI, EU FIZ UNS TRÊS TRAJETOS PASSANDO PELA IGREJA SANTA LUZIA CANTANDO ATÉ NA PRACINHA SÃO VICENTE, EU SOZINHO, NINGUÉM ME PEDIU O BASTÃO, ELA ME ENTREGOU O BASTÃO E NINGUÉM, NINGUÉM ME PEDIU O BASTÃO. ALI FOI O MEU BATISMO. ALI, NAQUELE DIA, CANTEI SEM PARAR”.

MAURICIO TIZUMBA



>

ENSAIO: *festejo no Retiro*

> No final de semana seguinte à festa-grande, Os Carolinos seguem para o Retiro, em Nova Contagem, para prestar homenagens às rainhas, reis e princesas, bem como aos fundadores da Irmandade.















Ó paié, paié, ô ié
Ó paié, paié, ô ié
A Senhora do Rosário
Salve o povo de Angola
Aô, paié, venha me valer
Ê, ô

Ó paié, paié, ô é
Ó paié, paié, ô é
A Senhora do rosário
Viva o povo de Angola
Aô, paié, venha me valer,
Ô



LECA

Enquanto Aíá ainda reinava absoluta, o vizinho Israel Rodrigues Campos integrou-se aos Carolinos como presidente e, sobretudo após o afastamento e a morte da Rainha Conga, teve papel de destaque no gerenciamento dos assuntos administrativos e políticos da guarda. Tomou decisões polêmicas, como a transferência da sede para o bairro Rio Branco, em Venda Nova, o que levou o capitão-mestre Nelson a ficar afastado por quase uma década, ainda que, três anos depois, a ideia de levar a santa e o festejo para longe da pedra fundadora de Luiz Carolino tenha se mostrado agourada, fazendo com que os elementos sagrados retornassem ao Aparecida. “Muita gente acha que congado é só botar uma farda bonita, sair e tocar, mas não é isso não, congado tem mandamento, congado tem mandamento, congado tem mistério, e o mandamento e o mistério dessa guarda estava no Aparecida, abandonado, quando eles foram pra lá, abandonado ali. Aí a festa lá começou a cair, foi caindo, caindo, caindo”, conta ele. De acordo com a pesquisadora em Antropologia, Junia Torres: “A territorialidade é fundamental. São erguidos mastros sobre fundamentos sagrados que marcam nesse local específico a existência dos Reinos, das sedes dos congados, elementos não facilmente transferíveis e que não devem jamais ser abandonados. A comunidade estabelece uma relação de fundação com esse território, com as energias, forças, elementos e pessoas que o circundam”.

Foi pelas mãos e relações de Israel que a santa mencionada, uma grande imagem de Nossa Senhora do Rosário que fica no centro do altar, foi doada aos Carolinos pelo então prefeito Sérgio Ferrara, em cerimônia na Praça da Liberdade, em 1987. O presidente também teve papel importante na criação da guarda de congo, o que levou Os Carolinos a ampliarem o nome para Guarda de

Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Congo Sagrado Coração de Jesus. Com o fim do congo, a palavra foi suprimida, mas a homenagem ao Sagrado Coração de Jesus permanece.

A morte e o afastamento de importantes integrantes e, principalmente, o vácuo de liderança deixado pela ausência das herdeiras e herdeiros diretos do Moçambique, as filhas e filhos de Luiz Carolino, levou a guarda para bem próximo do fim. O capitão-mor Nilson, o capitão-regente Wilson Moreira Soares e Neusa de Assis Moreira Silva, também neta de Luiz, e hoje quem zela pela sede, foram os responsáveis pela continuidade da guarda, que chegou a sair com cinco integrantes fardados enchendo uma kombi. “Não chegou a parar, não, mesmo nós nesse sufoco todo. Não tem jeito, é do sangue mesmo, é igual time do Galo, se não tiver sacrifício, não tem jeito, não”, diz Capitão Nilson.

Foi também nessa época que a suposta doação da Capela no Retiro para a Arquidiocese de Belo Horizonte configurou-se como um duro golpe para Os Carolinos. Dizem que a filha de Antenor Carolino assinou um papel sem saber o que diziam as letras miúdas, e a igreja mudou de dono. Para descrever a capela perdida, Wilson usa a palavra *senzala*, dando a ela o sentido de abrigo e fundando a tradição que perpetua no tempo, na história e no grupo social ao qual pertence. “A gente acabava de levantar bandeira, a gente dormia ali no chão mesmo ou a gente ia pra casa do Tenor dormir debaixo do pé de manga. Hoje, o que a gente tiver que fazer lá, se o padre autorizar, bem, se não autorizar... Nós perdemos o direito da nossa senzala, onde nós saía daqui pra louvar Nossa Senhora do Rosário”, diz ele com um nó na garganta de vontade de chorar.

A superação do período de perdas chegou para Os Carolinos com o retorno de Leca, filho de Luiz Carolino, após mais de uma década de afastamento. Um líder carismático, respeitado,

conciliador, firme, marrento e moleque são alguns dos adjetivos usados para reverenciá-lo. Antes de sua morte, que se deu em 2013, ergueu com as próprias mãos um sonhado refeitório no terreiro d’Os Carolinos.

A volta do herdeiro de direito do moçambique de Luiz também foi conflituosa, e ele respondia com raiva às modificações que os sobrinhos implementaram ao longo dos anos. “Tinha coisa que ele falava que a gente não aceitava, que ele aprendeu lá, né? Aprendeu no fundamento, e a gente aprendeu na força, então a gente batia muito de frente”, conta Capitão Wilson. O retorno, no entanto, trouxe de volta Carolinos afastados, e a influência de Leca, sobretudo entre os mais jovens, os consolidou como uma guarda renovada em suas esperanças de uma vida longa.

De volta aos Carolinos, Leca já não mais fardava, mas abriu exceção na festa de São Benedito, em Aparecida do Norte, em 2012. A guarda estava sendo acompanhada por uma equipe de filmagem para a produção do vídeo *Os Carolinos* e, no último dia de gravação, ele desejou que sua imagem no meio da guarda em formação, tocando caixa como não fazia há anos, fosse a que ficasse registrada, momento que causou grande comoção entre todos os presentes.

Pouco antes de morrer, Leca fez um pedido que ecoou as palavras ditas no momento da partida por tantos outros congadeiros que estão à frente de suas irmandades: “falem para os meninos continuarem. Não deixem o moçambique do meu pai morrer”. Os meninos e meninas que continuaram carregam, ainda não resignificada pelo tempo, a dor de sua ausência. O canto que colocamos na página 67 é entoado por sua sobrinha, Capitã Neide — eleita presidenta com a difícil missão de substituí-lo — para invocá-lo durante os ritos. E é com Leca que, diariamente, ela ainda conversa pela janela do quarto.



>

ENSAIO: *fardamento*

>

“É Senhora do Rosário mesmo. É ela. É onde eu tenho prazer de fardar, maquiagem e sair. Você não me vê nenhum momento calada no congado. Eu não calo. Eu canto o tempo todo, é o tempo todo, você entendeu?”, capitã e presidenta, Neide de Assis Silva.









FESTA

“Sá Rainha me chamou, mas eu já vou curiá. Sá Rainha me chamou, mas eu já vou curiá. Eu já me vou Sá Rainha, curiando devagar”, puxa a segunda-capitã, Rúbia Eliete, o ponto para saudar a Rainha de Nossa Senhora do Rosário, Geise Natane. Capitão Rúbia tem 25 anos, 12 de capitania, a vida inteira no congado, um filho e uma filha que já lhe seguem fardados. Neste dia, que antecede o dia principal da festa grande e é marcado pelo levantamento das bandeiras de promessa e dos santos do panteão congadeiro, ela conduz a guarda com bastão na mão, campanha no pé, força na voz. Rainha Geise tem 20 anos, 10 de reinado, também nascida e criada no congado. Capitã e Rainha são tataranetas de Francisco Carolino, o Chico Calu.

No curto caminho entre o terreiro e a casa da Rainha, onde uma panela farta de arroz carreteiro espera pelos congadeiros, é necessário parar os carros da movimentada avenida Américo Vespúcio para a fé passar. A partir dali, a noite será longa, e Os Carolinos revezam-se entre rezas e os preparativos para o dia principal da festa-grande, anunciado quinze dias antes pelo hasteamento da bandeira de aviso, um comunicado aos céus e à terra. Cento e vinte quilos de frango ainda precisam ser temperados, e a rua, enfeitada. Uma cortina de garrafas PET afastará o córrego poluído dos visitantes. Os altares também já estão montados — São Jorge, São Judas Tadeu e Nossa Senhora Desatadora dos Nós. São Jorge, logo na entrada do terreiro, para limpar de todo o mal. No dia seguinte, a imagem maior de Nossa Senhora do Rosário sairá de dentro da capela para um altar na rua, e doze guardas visitantes serão recebidas.

O dia será de louvores a Nossa Senhora do Rosário, a mãe misericordiosa de onde vem a firmeza no contexto da pobreza, do desemprego, da desestruturação familiar, do abandono estatal, da doença e da morte. É a Senhora dos Homens Pretos que, onde existe pouco, tudo dá, e *Undamba Berê Berê* segue segurando a dor d’Os Carolinos, como seguiu a de seus antepassados escravizados.

Em dia de festa-grande também reafirma-se a crença de que, enquanto a guarda durar e os antepassados forem **festejados (!)**, a existência perpetua-se para além da morte física. “Temos que fazer tudo, o possível e o impossível, para Os Carolinos sempre existirem. Não importa que eu esteja embaixo da terra, porque atrás de mim tem meus filhos, tem meus netos, tem os filhos de Leca. É a gente saber preparar eles agora porque, quando a gente faltar, eles vão saber o que fazer e vão crescer com esse mesmo amor à irmandade que nós temos, porque eles vão ver que tá no sangue. É a raiz. É a raiz que começou láaaaa atrás e ainda está florescendo”, conclui Capitão Nelson. •



De acordo com Leda Martins, em *Afrografias da Memória*: “Esses festejos reatualizam todo um saber filosófico banto, para quem a força vital se recria no movimento que mantém ligados o presente e o passado, o decendente e seus antepassados, num gesto sagrado que funda a própria existência da comunidade, assim explicitada por Vincent Mulago: ‘Para o banto, a vida é a existência da comunidade; é a participação na vida sagrada (e toda vida é sagrada) dos ancestrais; é uma extensão da vida dos antepassados e uma preparação de sua própria vida para que ela se perpetue nos seus descendentes’.”

Se a morte não me matar

Tamborim

Se a terra não me comer

Tamborim

Ai, ai, ai, tamborim

Para o ano eu voltarei

Tamborim



PATROCÍNIO



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**

Realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

REALIZAÇÃO

